

Curso Online de Filosofia

Olavo de Carvalho

Aula 254

28 de junho de 2014

[versão provisória]

Para uso exclusivo dos alunos do Curso Online de Filosofia.
O texto desta transcrição não foi revisto ou corrigido pelo autor.
Por favor, não cite nem divulgue este material.

Boa noite a todos, sejam bem-vindos.

Hoje eu queria voltar a um dos primeiros temas deste curso e que surge a propósito do exercício do necrológio, o qual se refere ao ideal, ao modelo de vida que cada um tem em vista.

A vida humana é constantemente impelida pela imitação de modelos. Desde que nascemos, começamos imitando alguém que nos parece superior ou admirável, e que expressa de algum modo o que desejamos ser. Esses modelos mudam muitas vezes na vida, pois os nossos ideais não são os mesmos aos 3, aos 13 e aos 30 anos, e assim por diante. Mas, ao longo do tempo, algumas linhas gerais vão se condensando, de modo que podemos chegar a uma conclusão do que queremos ser quando crescer. Em geral esses modelos, na nossa sociedade, se expressam de duas maneiras: o ideal de trabalho (o emprego que pretendemos ter, já que a maioria das pessoas estão empregadas em alguma coisa), e o casamento (com quem pretendemos nos casar, como desejamos que seja a nossa vida familiar etc.). Claro que existem outras variáveis, mas em geral o que se entende por modelo ou ideal de vida na sociedade moderna é isso aí. Por isso mesmo que, ao formular o exercício, eu pedi que vocês não imaginassem o seu futuro em termos sociais — em termos da posição obtida, ou do reconhecimento, ou da felicidade alcançada —, mas exclusivamente em termos de *quem* vocês pretendiam ser. Esse *quem* independe de quaisquer condições externas. Se o sujeito diz que quer ser alguém corajoso e leal, isso evidentemente não depende de emprego, de casamento, não depende de que nada se realize; mesmo que tudo dê errado, ele continuará querendo ser aquela coisa. Na verdade, nestes termos do *quem*, formular o seu ideal de vida é a única coisa realizável, porque tudo o mais depende de fatores que não estão no seu controle. E, evidentemente, não podemos incluir em um projeto de autoconhecimento aquilo que não está ao nosso controle e que não podemos prever absolutamente. O simples fato de que nas escolas, por exemplo, as pessoas começam a se preparar aos 7 ou 8 anos para uma situação futura que os seus professores desconhecem completamente, já é causa de uma infinidade de conflitos. Quando você está pronto para alguma coisa, esta alguma coisa já não tem a mesma relevância social de antes e a situação pode ter mudado. De modo geral, quanto mais concreto e socialmente localizado for o modelo, maior a possibilidade de fracasso, porque a sociedade humana nunca está à nossa mercê. E, ao contrário — parece contraditório o que eu vou dizer —, quanto mais genérico e individualizado, isto é, quanto mais definido em termos de um puro *quem* — ou seja, de qualidades pessoais —, maior a possibilidade de sucesso, porque você não depende de absolutamente nada.

Aquelas pessoas, por exemplo, que se dedicaram à conquista da santidade e morreram como mártires: tudo estava contra elas e, justamente por este motivo, isso nada podia fazer em oposição ao seu projeto de morrer como mártires. A oposição e a dificuldade deixam de ter

qualquer significação. Em última análise, o único projeto de vida que funciona é aquele que você faz perante Deus e perante mais ninguém: Deus sabe quem você quer ser e é isso que você vai ser, ainda que tudo esteja contra você, e ainda que ninguém saiba o que você está fazendo — porque não depende de nada, não depende de ninguém. Em suma, você está fazendo um projeto de vida com vistas à próxima vida e não à esta. E podemos dizer que isto é praticamente infalível, se seguido seriamente.

No entanto, sabemos que na nossa sociedade não é assim que as pessoas formulam os seus desejos, os seus projetos de vida. Quando perguntadas o que querem ser, as pessoas respondem com o nome de uma profissão ou com o nome de uma posição na sociedade — por exemplo, que o sujeito quer ser rico. Bom, ninguém é rico por decisão própria, apenas; a riqueza vai e vem conforme uma série de fatores que de fato não estão à mercê de ninguém, sobretudo na economia atual que é tão complexa e incontrolável. Ou, se disserem que querem ser engenheiros, médicos ou analistas de sistemas, tudo isso depende de fatores externos. Portanto, nós podemos dizer que esse não é propriamente um projeto de vida, mas um projeto de inserção na sociedade: a pessoa define o lugar que deseja ocupar numa sociedade que, por ser futura, não é conhecida ainda. Então sempre existe aí uma defasagem entre a posição tal qual é imaginada agora e as posições disponíveis que haverá na sociedade quando se chegar lá. Isso, evidentemente, é uma fonte de sofrimentos enorme. Existe um sociólogo australiano, John Carroll, que diz que esta é a principal fonte do sentimento de culpa da sociedade moderna. Ele distingue muito bem entre o que é a culpa moral e o que ele chama de culpa disposicional — que nós mais corretamente chamaremos de culpa estrutural ou culpa permanente. A culpa moral é quando você faz algo que viola o seu código moral explicitamente. Em geral a culpa moral é perfeitamente conhecida: você sabe o que fez de errado, mesmo que você depois reprima e entre naquele processo descrito pelo Igor Caruso, a repressão da consciência moral. É impossível que a sua culpa moral não passe pela sua consciência nem um único minuto. E a culpa moral se refere sempre a um ato em especial, algo que você fez e que achava que não deveria ter feito. A culpa que ele chama de exposicional, que vou chamar de estrutural, é aquela culpa permanente que está no fundo de tudo, e que na verdade é menos um sentimento de culpa do que um medo de ter sentimento de culpa. Isto é, provavelmente, o mal mais disseminado na sociedade contemporânea. E justamente o jogo entre a culpa estrutural e a culpa moral é que faz com que a culpa moral seja muito mal conscientizada e mal trabalhada. Como existe uma culpa profunda, esta culpa aflora quando aparece também a culpa moral, e as duas também, de certo modo, se superpõem e se confundem.

Esta culpa estrutural reflete sempre uma falha existencial, um fracasso existencial que você está vivenciando perante os seus próprios olhos — mesmo que ninguém saiba, você se sente um fracasso. Esse fracasso, numa primeira abordagem superficial, é o fracasso em realizar o modelo escolhido. É muito fácil conceber um modelo e se imaginar naquela situação, porém o jogo da vida contém milhares de imprevistos — a rotina, a chatice do dia-a-dia, a mediocridade do meio —, existem milhões de fatores. Outro dia alguém lembrou no Facebook do livro *O feijão e o sonho*, do Orígenes Lessa, que é sobre um sujeito que quer se tornar escritor, mas está numa pindaíba desgraçada, a mulher está grávida e só reclama, enfim, é como se a vocação dele fosse sendo esmagada por uma série de fatores adversos de ordem imediata e deprimente.

Porém, nem sempre a coisa é assim. Nem sempre esse sentimento de culpa estrutural vem de um fracasso explícito em realizar um ideal explícito. A coisa pode se complicar muito mais. Em

primeiro lugar, surge [0:10] o fato de que essa culpa estrutural existencial, por ser permanente, é raramente conscientizada como tal. Quer dizer, nós tomamos consciência de culpas específicas — esta, aquela ou aquela outra —, porém nós interpretamos estas culpas em termos de uma culpa mais profunda que nós carregamos e não sabemos de onde vem, é justamente a culpa que advém desse fracasso existencial.

Você pode assumir muitas culpas morais — que não são adequadas ou às vezes são totalmente falsas — como uma espécie de camuflagem ou compensação da culpa existencial profunda. “Por que tudo para mim dá errado? Por que eu fracassei na vida? Deve ser porque eu fiz isso, ou fiz aquilo ou aquilo outro”. Isso é um processo muito comum. Então, no caso, o sentimento de fracasso ou o medo da culpa vem justamente da falha existencial que é permanente. Porém, as explicações que surgem são tiradas de culpas ocasionais que jamais poderiam ter esse efeito tão profundo e permanente. Isso é um dos fenômenos mais frequentes hoje em dia. As pessoas acreditam, por exemplo, que elas estão se corrigindo ou melhorando na vida porque elas estão tentando se livrar das suas culpas morais — e, às vezes, até vão na igreja e se confessam etc. —, mas isso realmente não adianta nada. É aquele negócio do “quanto mais eu rezo, mais assombração me aparece”, porque você não está confessando a realidade, está confessando a camuflagem, está confessando apenas a casca, a aparência: “padre, eu fiz isto e aquilo”. Mas quando soma todas as suas culpas e você está absolvido de todas elas, você continua se sentindo culpado.

Existe, por um lado, uma culpa permanente, que é o que a Igreja explica como o pecado original, algo que todos carregamos. Por exemplo, o simples fato de sabermos que vamos morrer já nos carimba como fracassados desde o início — faça o que você fizer, vai dar errado e você morrerá no fim. Isso existe num nível ainda mais profundo do que o fracasso existencial. Porém, o pecado original jamais foi por si mesmo uma causa de fracasso. Ao contrário, a própria luta humana para vencer as dificuldades para obter sucesso é, de certo modo, uma luta contra as conseqüências do pecado original. Até a idéia mesma de se ter um projeto de vida: para que você teria um projeto de vida se não quisesse ser melhor do que é? E por que você quer ser melhor do que é se você não carrega uma culpa profunda, a culpa do pecado original? Eu não estou falando aqui do pecado original, mas da culpa existencial efetiva.

[No problema da culpa,] há três camadas: o pecado original, a falha existencial e as culpas morais. Essas culpas morais são usadas como camuflagem da falha existencial, e a falha existencial, por sua vez, pode ser uma camuflagem do pecado original. Só por aí já vemos que, em geral, a consciência moral da quase totalidade das pessoas no mundo contemporâneo é enormemente confusa, sobretudo na medida em que o projeto de vida se baseia num modelo de trabalho e emprego ou modelo de casamento, portanto em fatores totalmente externos. Só por este fato, a auto-imagem que o sujeito tem já está deslocada, porque ele está de certo modo se julgando em fator de algo que ele imagina que os outros vão pensar dele no futuro — ou seja, ele já não tem controle sobre o que vai acontecer, quanto mais sobre o que os outros vão pensar. Se você deseja ter sucesso no emprego, então você deseja uma boa remuneração, ser bem aceito pelos seus colegas e pelo seu chefe etc. E se você deseja um bom casamento é porque deseja que uma mulher o ame neste e naqueles termos, e o satisfaça neste e naquele ponto. Tudo isso depende dos outros, no fim das contas. E o fracasso em obter essas vantagens é uma causa de culpa mais profunda e mais permanente do que as culpas morais propriamente ditas. Quando as culpas morais são confessadas como uma camuflagem deste fracasso existencial, você, na verdade, ao confessar os seus pecados — “padre, eu roubei,

fumei maconha, fiz isto e aquilo etc.” — estará camuflando o seu verdadeiro sentimento de culpa que é o seguinte: estou culpado de não ter dado certo. Mas não dar certo não é pecado. Você está usando os seus próprios pecados como uma camuflagem de uma falsa culpa baseada num puro fracasso, e não em um mal que você tenha feito. Isso é muito comum sobretudo nessas pessoas que aparecem com sentimentos cristãos exacerbados de condenação, moralismo etc.; a cabeça delas é, em geral, uma confusão nesse aspecto, é uma verdadeira lata de lixo.

É claro que não tem o menor sentido falar em uma vida cristã se existe uma confusão moral, uma falta de discernimento moral, isto é, se não existe uma meditação profunda sobre a raiz das nossas culpas e quais são os erros que nós efetivamente fizemos, e quando estamos nos culpando simplesmente de ter dado errado. Porém, esse dar errado ainda se complica mais pelo fato de que, no esforço de se auto-realizar, e, portanto, de alcançar um modelo, existe o medo do fracasso e este medo já faz com que você adapte o modelo a certas circunstâncias limitadoras do mundo exterior. Isso quer dizer que você diminui, atenuou ou degradou, de certo modo, o seu modelo em função do que você considera que são as possibilidades reais de auto-realização numa sociedade dada. Você vai especificar o seu modelo, vai adaptá-lo para um determinado meio social e então ele perderá toda a qualidade de ideal e se tornará apenas uma ambição. Reduzir o seu ideal a uma ambição já é, evidentemente, abdicar de ser qualquer coisa e definir o seu futuro em termos apenas daquilo que você pretende ter ou obter. Se fizermos um repertório de quais são os modelos diminuídos que uma pessoa pode adotar numa sociedade, já abdicando a idéia de ser alguma coisa para poder se adaptar e obter sucesso numa situação devida, veremos que os modelos dessa adaptação degradada são muitos e praticamente são esses modelos os que estão disponíveis na sociedade brasileira hoje — na sociedade americana menos, porque aqui nos EUA ainda há um certo culto do heroísmo, do patriotismo, da religião etc. No Brasil já não há mais isso; os últimos modelos que sobraram já são modelos diminuídos. Ao adotar um modelo diminuído você sabe, de certo modo, que já fez uma concessão ao mundo — quer dizer, você já desistiu de qualquer tentativa séria de ser você mesmo, de ter qualidades humanas tais e quais, e trocou tudo isso por um prato de lentilhas, quer dizer, por um emprego. “O que eu quero ser? Vou fazer um concurso para o banco do Brasil, vou ser vereador do PT etc.” — algo desse tipo, que lhe pareça ter alguma viabilidade de sucesso. Ao fazer isso a pessoa já adquiriu uma culpa, não pelo fracasso em realizar o modelo, mas pela degradação do próprio modelo. E alguns desses modelos degradados — que não são tão vulgares quanto estes que estou falando — podem surgir com uma camuflagem de prestígio muito grande.

Vejam, por exemplo, um indivíduo que deseja fazer uma carreira [0:20] na filosofia, mas apenas como um técnico lógico. Isso, de certo modo, não é natural no ser humano. Adotar uma função assim tão especializada não é algo que possa surgir na sua infância como um modelo de vida; isso já é uma adaptação posterior, há prestígio nessa coisa. Então, o desejo de ser um cientista — não no sentido da busca do saber, mas no sentido de uma determinada carreira e de ser aceito num determinado meio — já é uma degradação do modelo e já traz automaticamente uma culpa, porque você está traindo o seu ideal de vida, não no curso da sua realização, mas já na raiz mesma, na escolha do modelo. Você pode se perguntar qual é o encanto, qual é o tipo de atrativo que há nessas coisas. Eu vejo, por exemplo, um número enorme de pessoas que hoje em dia produzem trabalhos de filosofia que na verdade são trabalhos de álgebra ou trabalhos de lógica matemática, apenas isso. Qual é exatamente o encanto? Qual é o poder e a recompensa que desejam obter com isso? É um domínio sobre os processos lógicos do pensamento. Esse domínio não é humanamente atingível, nós nunca teremos um algoritmo

perfeito do pensamento humano. É só ler sobre o teorema de Gödel e você verá que não dá para fazer isso. Mas isso ainda continua sendo uma ambição muita grande para muitas pessoas. Em geral, são pessoas que têm medo da sociedade humana e que se recolhem em uma vida intelectual muito fechada, voltada para a aquisição deste tipo de domínio sobre o pensamento humano, que aos olhos dele adquire uma espécie de prestígio mágico. Muita gente cai nisso hoje, o que não quer dizer que o trabalho filosófico aí adquira então o contorno de um trabalho científico. E, nesta mesma medida, ele vai se tornando um trabalho cada vez mais especializado que não tem interesse para o público geral, mas só para o círculo dos profissionais da área. Com os trabalhos científicos é muito natural que isso aconteça porque, em geral, os resultados de um trabalho científico só interessarão ao público maior pelos seus efeitos tecnológicos. Não interessa que aquele trabalho seja lido por milhões de pessoas, mas, ao contrário, que seja lido, por exemplo, por um empresário capaz de dar uma viabilidade industrial àquilo. Se esse sujeito ler o trabalho, já estará realizado; não é necessário um público enorme. Mas qual é a possibilidade de trabalhos de filosofia serem utilizados desta maneira? Se vocês se perguntarem quantos trabalhos filosóficos resultaram em grandes inovações tecnológicas [verão que a possibilidade é mínima.] Bom, algumas conquistas da lógica matemática ajudaram na criação dos computadores, mas isso já faz tempo e, de milhões de trabalhos, só um ou dois serviram para isto. Isso quer dizer que esse tipo de enfoque reduz a pessoa ao sonho de dominar uma espécie de universo abstrato que só vai existir na cabeça dela e de mais meia dúzia de pessoas, que não terá consequência social absolutamente nenhuma. É a busca de um falso poder. A pessoa que se dedica a isto já carrega uma culpa o tempo todo porque o seu próprio projeto de vida já é uma falsidade. E é evidente que o próprio domínio técnico que ela vai adquirindo sobre aquilo funciona como uma camuflagem maior ainda. Então, eu imagino o que pode ser a consciência moral de uma pessoa dessas. É uma confusão, é uma trama tão confusa de pretextos e de falsificações que não dá para desmontar, levaria anos para analisar isso. Como dizia o doutor Müller a certos neuróticos que apareciam lá: você é um gênio, porque inventar uma neurose deste tamanho não é para qualquer um.

O número desses problemas de culpa, de fuga da culpa, ou de medo da culpa, que aparece nas discussões públicas é enorme. Isso não só com relação a esse tipo de pessoas, mas, por exemplo, àqueles que fazem como projeto de vida dedicar-se a uma determinada causa. Esta causa, então, se incorpora na sua personalidade como sendo a verdadeira justificação da sua vida. Isso quer dizer que a causa em si não pode ser discutida jamais, porque ela não é uma idéia ou uma crença que você adquiriu, mas uma parte da sua personalidade, ela é você mesmo, de algum modo. Então ela não pode ser questionada porque questioná-la seria tirar a base sobre a qual você construiu a sua vida. Quando pessoas desse tipo entram numa discussão pública, ideológica ou política etc., elas estão numa atitude de auto-defesa radical permanente. É por isso mesmo que você não pode contar com a eficácia da argumentação racional nesses casos. Você não está tentando mudar uma idéia do sujeito, mas está desmantelando a personalidade dele — e esse é o risco.

Ontem mesmo alguém me perguntou, no Facebook, o que eu achava do argumento do Alvin Plantinga sobre a existência de Deus. O argumento é muito engenhoso, mas parte do conceito de um ser maximamente perfeito. O que quer dizer maximamente perfeito? Perfeito é uma medida quantitativa de uma qualidade. E você nem definiu a qualidade e também a quantidade daquilo, e já está dizendo que a quantidade é infinita. Quer dizer, é a quantidade infinita de uma qualidade desconhecida. Como você vai se virar com um conceito desses? Então é por isso mesmo que o conceito de maximamente perfeito não pode ser apreendido de

maneira puramente conceptual. Por exemplo, o que você concebe como maximamente perfeito num determinado instante pode não ser concebido como tal dali a pouco: a sua percepção da perfeição pode ser ela mesma aperfeiçoada, e isso de fato acontece na vida. Apreender o conceito de maximamente perfeito, ou como Platão disse, o supremo bem (que não é uma coisa que você possa comprar no supermercado), não é uma idéia simples que você possa possuir. Como você não é o supremo bem, como não é o maximamente perfeito, então o maximamente perfeito é necessariamente alguma coisa que está acima de você e que você não concebe ainda. Então não há nenhum jeito de você conceber o maximamente perfeito sem de algum modo se esforçar para se aproximar dessa perfeição inatingível. Portanto, o conceito do maximamente perfeito só pode ser apreendido mediante uma ascese. É um negócio da teologia catafática. Há a teologia apofática, que é a teologia negativa, onde você tenta conceber Deus distinguindo-o de todas as demais coisas — Deus não é isso, Deus não é aquilo —, e existe a teologia catafática, em que “kata” significa além. Deus é melhor. É como na expressão islâmica *Allahu Akbar*. Akbar não é grande, é maximamente grande. Grande é cabível, mas Akbar é um superlativo. Quando alguém diz isso, quão grande diz que é? Só para o sujeito entender o que está dizendo ao falar *Allahu Akbar* ele precisaria de uma ascese, de ser capaz de conceber um bem que é maior que o maior bem que ele consegue conceber. Isso é toda uma vida de ascese, é a busca de ter um vislumbre da perfeição divina. Ou seja, Deus é melhor do que você tinha pensado. Quanto melhor? Por exemplo, uma pessoa lhe pede um dinheiro emprestado e você lhe dá o dinheiro. Isso quer dizer que você é bom. Deus é bom assim? Não, não é. O que Ele está lhe prometendo é um bem infinito. Ele lhe promete a vida eterna, então isso não tem fim. [00:30] Como é que eu posso conceber a grandeza de alguém cujo benefício que Ele me traz já é em si mesmo inconcebível? Então conceber o maximamente perfeito é uma vida de ascese, é uma vida de prece, é uma vida de confissão.

Agora junte uma meia dúzia de lógicos que diz que vai averiguar se o argumento do Alvin Plantinga é válido. Literalmente, o maximamente perfeito de que eles falam não tem conteúdo, não é nada. É apenas um *flatus vocis*. E eles ficam tratando da estrutura lógica do argumento. Mas isto é uma diminuição da mente humana, é um estreitamento da mente humana a seu aspecto meramente operacional, fazendo abstração da possibilidade de ele conhecer o conteúdo ou a coisa à qual está se referindo. É claro que isso é uma atividade diminutiva da mente. Quanto mais diminutiva, maior o controle intelectual que você tem sobre ela. Este controle intelectual dá a essas pessoas a impressão de rigor, de controle, e vem toda essa pataquada das ciências duras. Neste caso, quanto mais dura esta ciência, menos o sujeito sabe do que está falando, porque o objeto do qual ele está falando não é um conceito de ciência dura, mas algo que só pode ser alcançado por aquilo que o Mário Ferreira dos Santos chamava tímesse parabólica. Tímesse é avaliação de uma qualidade, mas é parabólica porque descreve uma parábola — você não consegue chegar ao objeto que você está tentando alcançar; você se aproxima, depois se aproxima de novo, e de novo, e de novo e isto nunca termina. Isso é a vida espiritual propriamente dita e só isso pode lhe dar um vislumbre do que você está querendo dizer quando diz *maximamente perfeito*. Mas quando a abordagem é puramente lógica, não é possível fazer isto.

O indivíduo que está lidando ou com o argumento do Plantinga ou com o de Santo Anselmo, e que entende essas coisas como estou dizendo, sabe que não sabe do que está falando e que a única maneira de chegar a ter pelo menos uma antevisão daquilo é por um longo esforço de ascese — ou seja, é toda uma vida religiosa. Mas, justamente por isso, ele sabe que está em um terreno movediço onde não tem o menor controle nem do objeto e nem dos processos cognitivos. Santa Teresa de Ávila ou São João da Cruz, por exemplo, realmente sabiam que eles

não sabiam do que estavam falando, que eles tinham uma vaga idéia somente. São João da Cruz até comparava [a ascese] à uma noite escura: o momento em que o total desconhecimento é a forma de conhecimento. Aí você está numa atividade cognitiva na qual você não exerce controle nenhum, ou seja, você está nos antípodas do lógico que está discutindo o argumento de Alvin Plantinga ou o argumento de Santo Anselmo — e esse tem uma impressão de domínio justamente porque não está falando de coisa nenhuma e não faz questão de conhecer o conteúdo dos conceitos com que está lidando.

É claro que esse tipo de escolha de vida, que hoje pode ser tão importante para uma carreira universitária, já é uma escolha diminuída, uma abdicação do ideal, um aviltamento dos modelos. Evidentemente, isto trará uma culpa profunda que não pode ser conscientizada, porque se for conscientizada exigirá que o sujeito mude completamente de rumo de vida. E como há essa culpa não conscientizada — que é um escotoma: um pedaço, uma mancha que o impede de enxergar alguma coisa —, quando você tem um escotoma, ele lança a sombra sobre outras áreas, de modo que há muita coisa que você deveria saber e da qual acaba não sabendo, pois não percebe. E é exatamente por isso que todas as pessoas, sem exceção, que mais se dedicam a essa área de conhecimento e que têm maior domínio dela cometem os erros mais catastróficos quando tentam analisar qualquer coisa da realidade.

Ludwig Wittgenstein, por exemplo. O máximo que ele conseguia era examinar com uma minúcia terrível construções lingüísticas banais. E, no entanto, este homem, na sua vida real, era um admirador de Stálin e consta que ele — não sei se é verdade — colaborou com a espionagem soviética ajudando a dar aos soviéticos, e não ao bloco anglo-saxônico, certas vantagens na guerra contra os alemães. Isso revelaria uma falta de discernimento completo. Se analisarmos isso em termos da psicologia do Szondi, veremos que este tipo de escolha depende do que ele chama de pulsão K, a pulsão do ego. E a pulsão do ego se divide em duas: uma que é a restrição do ego para fins de auto-controle e outra que é a expansão do ego para fins de reconhecimento. Então, conforme o indivíduo se identifica, por exemplo, com grandes personagens da história — “eu sou Napoleão Bonaparte”, “eu sou Júlio César” há uma expansão do ego. Lembro-me que outro dia mesmo eu estava lendo sobre o general Patton, que acreditava em reencarnação e que ele tinha sido todos os grandes guerreiros ao longo do tempo: o ego se dissolve numa figura múltipla que incorpora uma série de valores. Mas, justamente quando o indivíduo entra por esse lado, ele perde o controle do fluxo dos acontecimentos e lida com um terreno movediço, por assim dizer. Sua vida é orientada por intuições vagas, sonhos, sentimentos etc. Então existe a pulsão de ego contrária, que é de restrição: reduzir o ego à sua mínima expressão para se ter controle — que é justamente o dos homens da lógica, da matemática etc. Por sua vez, essas duas pulsões opostas, esses dois fatores opostos podem ser afirmados ou negados — ou seja, você gosta deles ou não gosta. E o não gostar às vezes não significa que você está livre daquilo, mas justamente o contrário: você o está simplesmente camuflando, você é assim, mas não gosta de ser assim, então o esconde. A psique humana é algo enormemente complicado.

O caso de todas essas pessoas da área lógico-técnica é evidentemente um exemplo do que se chama fator K e fator P — K de catatonia e P de paranóia. Existem dois tipos de paranóia. (a) Uma é a paranóia megalômana, que é, por exemplo, a do general Patton: “Eu fui Júlio César, eu fui Napoleão, eu fui Frederico II, eu fui e sou ainda não sei quem mais”. O ego se inflou de tal maneira que ele é todo mundo ao mesmo tempo. (b) E existe a catatonia em que o ego se restringe, se endurece para obter controle até o ponto em que ele fica totalmente paralisado e o sujeito entra em catatonia. É por isso mesmo que quando o fator K no teste de Szondi

aparecia de maneira muito pronunciada, ele imediatamente diagnosticava que a pessoa tinha jeito para a matemática, para a lógica, para a física etc. E se desse um P, então a pessoa teria jeito para ser um político, um chefe ou algo do tipo.

Paul Diel fala sobre a banalização do modelo (vejam aquela apostila que escrevi sobre o abandono dos ideais¹). E a banalização, evidentemente, é um elemento presente quando o fator K, o fator de restrição, é muito intenso. [0:40] Esta primeira restrição e degradação que você faz no seu modelo, e da qual você obtém como vantagem secundária uma espécie de sentimento de controle, implica, ao mesmo tempo, uma confusão moral muito grande e uma culpa extremamente mal conscientizada — porque se você só conscientiza o que está ao seu controle, você não conscientiza praticamente nada. Você se concentra naquele pontinho miúdo e ali faz a sua vida. É por isso que este tipo de pessoas, quando você as conhece, são enormemente confusas. O indivíduo, quanto mais domina a lógica e a matemática, parece que mais confuso e problemático ele é na sua vida pessoal. Um caso extremo, por exemplo, é o jogador de xadrez. Vejam que os grandes campeões de xadrez são quase todos malucos. Ali o sujeito quer ter um controle absoluto em uma certa combinatória e isto é a vida dele. Só que esta combinatória tem como efeito ganhar no jogo de xadrez. Não tem efeito nenhum no mundo. É uma não-atuação no mundo, é uma fuga do mundo, de certo modo, para um reino onde ele acredita ter domínio absoluto. Isso me lembra aquilo que já citei do livro do Wilhelm Worringer sobre o estilo gótico, no qual ele explica que nas comunidades humanas muito primitivas e muito desarmadas perante a natureza predomina a arte abstrata. Na arte abstrata há um maior domínio sobre as formas, que são formas geométricas, mas ao mesmo tempo ela volta as costas ao mundo real porque este é muito complexo. E ele diz que só aparece uma representação do mundo real, do mundo da natureza, nas comunidades mais avançadas e seguras de si, onde o medo da natureza já acalmou e então elas podem se voltar para a natureza como objeto de contemplação estética, não como objeto de medo e terror. Também me lembro de uma conversa que tive com o Orlando Villas Bôas em que ele disse: “Você pensa que índio gosta de mato? Índio tem terror de mato. Eles nunca vão para o mato. Só vão os que são muito experientes e que já aprenderam com outros. Todo o resto fica fechado na taba”. A taba é um círculo; o círculo já é uma forma geométrica perfeita. Você está protegido dentro do círculo. Só que este círculo às vezes funciona como o círculo do peru bêbado: você embebeda um peru, traça um círculo em volta dele e ele não consegue sair do círculo. Então este círculo protetivo é ao mesmo tempo aquilo que aprisiona e limita. Estão entendendo todo este jogo? Ao mesmo tempo é assustador e é maravilhoso, porque é toda a complexidade da psique humana.

Não é impossível fazer uma espécie de tipologia dos fracassos existenciais e dos modelos de culpa que aparecem. Alguns modelos são derivados do fracasso existencial real: o indivíduo tinha um ideal e não conseguiu realizá-lo. É *O Feijão e o Sonho*. Outro tipo é quando já houve uma degradação preventiva: você baixa o nível do ideal porque acha que assim você o torna mais realizável — o que é absolutamente falso, é sempre falso. Aqui a pessoa está confundindo pessimismo com realismo. E, no caso do fracasso existencial real, o fracasso é tanto mais provável quanto mais ele depende de fatores externos, evidentemente. Por exemplo, você deseja ser um escritor. Mas você quer produzir uma obra perfeita ou quer ter milhões de leitores, milhões de resenhas favoráveis, vender milhares de livros? O que você quer? Você pode dizer que quer a literatura. Mas você quer a literatura ou a vida literária? Hoje em dia, o conceito de escritor é exclusivamente baseado na vida literária, uma profissão como qualquer

¹ “O abandono dos ideais”, em <http://olavodecarvalho.org/o-abandono-dos-ideais/>.

outra. Os camaradas já fazem planos de quantos livros vão publicar por ano, e produzem aquilo pensando que têm de publicar um livro de x em x tempo para não perder o público. Mas estas são ocupações que normalmente seriam da vida editorial e que se incorporam no projeto de vida do escritor. Então a possibilidade de fracasso é imensa, porque nem todo mundo pode ser Paulo Coelho. Agora, se você tem uma dedicação exclusivamente à arte literária, então não se incomoda de que a sua obra seja até publicada postumamente, desde que ela esteja perfeita. É o caso do *Il Gattopardo*, do Tomasi di Lampedusa. Ele era um conde, ficou escrevendo este livro — que é uma maravilha — e o livro só foi publicado depois que ele morreu. Ele era um conde, um homem rico que não precisava disto, mas queria ser um grande artista e ele foi, de algum modo. Estude a vida do Lima Barreto, por exemplo. Você verá a luta dele pela perfeição na arte, perfeição que ele nunca alcançou, na verdade. Mas a luta era muito sincera e não o vemos em nenhum momento preocupado com a sua carreira — aliás, a carreira dele sempre foi para o buraco. Evidentemente, ele sofria com isso; ele não tinha dinheiro, vivia em uma posição social humilhante — tudo isso é extremamente incômodo. Mas não vemos essa culpa existencial profunda nele. Ao contrário, vemos uma certa segurança de si, porque aquilo que ele queria fazer estava exclusivamente ao alcance dele. Não totalmente — ele não era um santo, não era um asceta, mas era um artista. Eu ainda conheci alguns artistas da palavra, mas eles não existem mais. Simplesmente não existem. Conheci o Herberto Salles. O Carpeaux dizia que o Herberto Salles era o sujeito com maior consciência artística na literatura brasileira. Ele corrigia, e corrigia, e corrigia, e corrigia os seus manuscritos; mudava, tentava estilos diferentes em cada livro. A paixão dele era fazer aquela obra perfeita. Por coincidência, fez sucesso também. Mas eu nunca vi o Herberto preocupado com isso, eu o vi preocupado com aprender a escrever. Aos setenta anos ele estava aprendendo. Aí, é claro que a culpa existencial, se ela existe, é muito pequena, porque o indivíduo está sendo quem ele quis ser e quem ele quer ser não depende de ninguém, apenas dele. Então ele tem mais liberdade que as outras pessoas. E eu vejo que em todo o mundo literário, por exemplo, essa noção se perdeu completamente. Hoje em dia, todos são escritores profissionais, isto é, são partes do processo editorial, são funcionários do processo editorial, de algum modo. Ou do processo acadêmico. Isso quer dizer que as pessoas vão se tornando cada vez mais dependentes de um meio social sobre o qual elas não podem ter controle algum. Então, o sentimento de fracasso é permanente. Esse sentimento de fracasso, justamente pelo fato de ele ser permanente, é difícil percebê-lo como tal, então ele começa a se camuflar com pequenas culpas.

O John Carroll dá um exemplo. Ele diz que a mulher se culpa de ter esquecido do aniversário do marido porque com isso ela não tem de se conscientizar de que jamais amou aquele cara. Esquecer uma data de aniversário é um fato, e este fato é fácil de apreender. Mas uma atitude profunda, que vem há muitos anos, não é facilmente perceptível porque você não tem os instrumentos imaginários para isto. Você precisaria ser capaz de conceber toda a sua vida como uma narrativa e este é precisamente o motivo pelo qual eu insisto que os meus alunos leiam muitas obras de literatura narrativa: para aprenderem a enxergar a curva da vida inteira. Se você é católico, na hora que você vai confessar, por exemplo, você chega e conta ao padre o que fez (“toquei uma punheta, quis a mulher do próximo etc.”). Muito bem, de fato são pecados localizados. Mas, se tudo isto está colocado sob o fundo de uma revolta permanente e mal conscientizada contra Deus, [0:50] esses pecados perdem a importância. Você estará confessando os pecados menores para não confessar o maior. O que você tinha de fazer era dizer ao padre que você odeia Deus, que O culpa por tudo que acontece.

Esses problemas surgiram com muita clareza quando eu achava que ia morrer porque tinha de fazer uma operação que os médicos disseram ser perigosíssima. Achei que iria bater as botas, então pensei em chamar um padre e fazer uma confissão de vida inteira para já limpar o terreno. E daí comecei a pensar o que eu iria confessar. E eu vi que existem esses pecados permanentes, por assim dizer. Mas eu estou acostumado a ver a minha vida como uma curva inteira, não só a minha, mas eu conheço a vida de milhares de pessoas e muitas vezes sou capaz de ver o trajeto existencial de alguém mais claramente do que ele mesmo, pois eu estou fazendo isto há anos. Então eu percebi que havia pecados permanentes muito mais graves do que aqueles fatos atomísticos que normalmente as pessoas confessam. É claro que Deus sabe qual é o seu pecado mesmo e, ao absolver esses pecados pequenos, Ele já está absolvendo os grandes também. Mas seria melhor que você tivesse uma conversa mais franca. A consciência exacerbada de culpa por pecados atomísticos é um dos grandes disfarces da culpa permanente. E quando eu falo culpa permanente não estou falando de algo tão profundo quanto o pecado original, mas simplesmente desta abdicação ou restrição ou dessa degradação do modelo existencial.

Aluno: O projeto de lavar a burra no sentido d'O Tratado da Lavação da Burra, do Ângelo Monteiro, me parece uma degradação do modelo do que podemos ser na vida. Qual é o impacto disso na vida do brasileiro?

Olavo: O impacto disso é monstruoso porque, na sociedade brasileira, querer ser qualquer coisa que os outros não sejam é considerado o maior dos pecados. Ninguém pode querer ser melhor em nada; isso é uma constante da sociedade brasileira. Então, se não pode ser melhor, você começa a idealizar o pior, o mais baixo, o mais oportunista, o mais boboca. Acho que isto é o principal problema da sociedade brasileira: a falta de modelos positivos. Vejam a maneira pela qual a cultura popular — aqui me refiro a toda a mídia — trata aqueles que poderiam ser tidos como heróis nacionais: eles são totalmente desconhecidos. Aqui nos Estados Unidos toda hora vemos o pessoal lendo e mencionando Thomas Jefferson, Lincoln e não sei mais quantos, e vemos o amor extremo que este pessoal tem com os soldados que vão para a guerra — é uma coisa incrível e comovente, até. Existe nesta sociedade, aqui nos EUA, um culto das boas qualidades humanas: a bondade, a honestidade, o heroísmo. E é um culto inteiramente sincero. Agora, no Brasil, não há culto nenhum. Mas há, às vezes, uma idealização um pouco caricatural. Basta o sujeito fazer *uma* coisa certa na vida e ele imediatamente já é celebrado como santo e começam a inflar as qualidades do sujeito, às vezes de uma maneira tão falsa e caricatural que é uma coisa de chorar. Por exemplo, o que fizeram com o Betinho. Hoje ninguém mais lembra quem é Betinho. O sujeito, que era um estrategista de esquerda, descobriu que as organizações de caridade eram um excelente meio de ampliação do poder da esquerda. Até os anos cinquenta a esquerda achava que toda caridade era um truque burguês para manter as pessoas de cabeça baixa. O Betinho viu que este negócio de caridade poderia render e criou uma estratégia que se apropriou de toda a rede nacional de instituições de caridade e as botou todas para trabalhar para a esquerda. Por causa disso, chegaram a sugerir a beatificação do Betinho, quando ele era, evidentemente, um espertalhão e nada mais. Isso é a falta de discernimento moral completa.

Esta falta de discernimento está arraigada na sociedade brasileira desde a educação doméstica. E todos nós temos um resíduo disto dentro de nós; uma espécie de temor em ser alguém. “Ah, será que se eu for alguém não vão mais gostar de mim, e eu tenho de me

diminuir, eu tenho de ser igualzinho a eles...” Isto é uma coisa incrível. Ou seja, você já começa por entrar na arena castrado. Mesmo que o seu projeto de vida (esse projeto substitutivo) dê certo, a culpa existencial será maior ainda e, para aliviá-la, você precisará de mais moralismo e viverá indignado. Evidentemente isto é tudo uma comédia. O deslocamento do eixo existencial na vida brasileira é algo absolutamente trágico. E isso não está na sociedade, mas dentro de nós. A pessoa leva anos para se livrar disso. O simples fato de alguém querer ser uma pessoa de cultura é condenado. É o que dizia o Ronaldo Alvez: “eu fui mais discriminado na favela por ler livros do que na cidade por ser preto”. Isso é verdade, acontece mesmo.

Aluno: O culto equivocado das virtudes dá lugar à pieguice...

Olavo: Não só à pieguice, mas ao moralismo acusatório. O Brasil está cheio de inquisidores que não inquirem. Na Inquisição, as pessoas pelo menos faziam uma investigação, entrevistavam o sujeito antes de acusá-lo, perguntavam se ele mudaria de idéia. Mas no Brasil não. O número de vezes que eu li a palavra *heresia* nos últimos anos é uma coisa impressionante. O que há de caçadores de heréticos à solta... são um bando de lunáticos! São pessoas que não sabem onde têm o nariz. E tudo isso é uma farsa, é uma compensação de um fracasso existencial real, um fracasso existencial que não reside só na falha em realizar o projeto, mas já na autocastração do projeto na origem. É exatamente isso que diz o livro do Ângelo Monteiro — que, aliás, é uma maravilha, uma obra prima da língua portuguesa. *O tratado da lavagem da burra* é isso aí: o pessoal só quer lavar a burra.

Aluno: O senhor falou que é possível lidar com as pulsões Szondianas transmutando alquimicamente uma na outra. Como funciona isso na prática ou, por outro, como se gira o palco?

Olavo: Na verdade, a própria expressão já diz que você compensa uma pulsão pela a outra. Szondi diz que há três fatores de controle do palco: o ego, a cultura (a educação), e o espírito. Na medida em que você conscientiza qual é o seu fundo pulsional, então você pode trocar uma paixão pela outra, pode acelerar uma ou desacelerar a outra, mas não permitir que uma pulsão dominante se torne obsessiva. Essas pulsões não existem, na verdade, tão isoladamente uma das outras. Uma pulsão não funciona separadamente. Por exemplo, a pulsão do sexo não funciona separada da pulsão de contato social. Você não terá sexo nenhum se não tiver um contato social. Então essas duas coisas estão em uma dialética permanente, do mesmo modo que a atração ou repulsa sexuais também têm um reflexo no ego à medida em que você se identifica com o outro e se funde com o outro, ou você sente o seu isolamento. É como naquele texto maravilhoso do Ortega y Gasset, “*Quando no hay alegría*”, onde ele diz que quando não há alegria nossa consciência refluí para um pedaço do nosso corpo e ali se refugia e fica rosnando para o mundo, e é aí que nós vemos o sentimento de isolamento, a solidão de cada coisa. Essas coisas estão sempre ligadas e é essa ligação mesma que o permite ligar ou desligar a coisa conforme o momento.

Szondi diz que existem duas fases do processo de aquisição de domínio sobre o mundo pulsional. (a) A primeira ele chama de socialização, e a socialização segundo ele é obtida através das escolhas fundamentais, que são a escolha da profissão, a escolha do casamento e a escolha dos amigos. Com essas três escolhas você já coloca todas as pulsões a serviço de um objetivo que de algum modo as transcende e, portanto, elas se integram no objetivo geral da vida. (b) E a segunda etapa, que ele chama de humanização, é quando todo o universo

pulsional é posto a serviço de valores superiores, de uma meta transcendente etc. O problema é que no Brasil a socialização se opõe à humanização porque é uma socialização diminuída. Isso é uma tragédia sem fim. O esforço que nós temos de fazer para nos curar da doença brasileira é muito grande. Mas isso é possível e muita gente já o fez, e nós o estamos fazendo. Mas de vez em quando há recaídas. O sujeito está indo, melhorando, e de repente cai numa mesquinha que é uma coisa de louco. Isso pode acontecer a qualquer momento.

Aluno: Estou começando a ler os livros de Santo Agostinho e Santo Tomás de Aquino. Confesso que faço isso com severa dificuldade. Quais leituras o senhor pode me indicar para melhor compreender esses autores?

Olavo: Confesso que eu li bastante Santo Agostinho, mas nunca li nenhum livro sobre [1:30] a filosofia dele. Então não tenho o que lhe recomendar. Mas comece lendo as *Confissões*, evidentemente. Não pegue logo de imediato os tratados filosóficos e teológicos. Leia as *Confissões* primeiro, pois é um livro de certo modo auto-explicativo. Quanto a Santo Tomás de Aquino, existem dois livros maravilhosos que são introduções. O primeiro livro é do Chesterton, que não era um filósofo de profissão, era simplesmente um admirador de Santo Tomás de Aquino e escreveu um ensaio sobre Santo Tomás que o Etienne Gilson — o maior estudioso de tomismo no mundo — disse que daria um braço para ter escrito. O segundo livro é o do padre Antonin Sertillanges, que acho que só existe em francês. É uma introdução maravilhosa, o Sertillanges é um escritor poderosíssimo. E todos nós temos, de certo modo, uma dívida com ele porque o livro *A vida intelectual* foi a origem deste curso, no fim das contas. Esse livro, que eu li muitos anos atrás e várias vezes, me ajudou muito a esclarecer quem eu queria ser quando crescesse e a formular isso em termos de uma busca de Deus e, de certo modo, um serviço prestado a Deus pelo perdão dos meus pecados, e a me dar uma certa independência em relação ao meio social. Quer dizer, não só não precisar da aprovação das pessoas, mas até desprezá-la ativamente. E no caso do Brasil isso era obrigatório porque se eu fosse fazer a mais mínima concessão ao gosto do ambiente, eu não teria escrito nem *A nova era e a revolução cultural*, nem *O imbecil coletivo*. Então certamente eu não estava procurando a aprovação dessas pessoas — não estava procurando e não a queria. Pois se é justamente essa falsa vida intelectual que eu quero destruir, como é que eu vou querer que ela mesma me aprove? Não é possível! E esse foi o problema do Bruno Tolentino. O Bruno queria as duas coisas ao mesmo tempo: queria destruir tudo, mas queria que essas mesmas pessoas o afagassem. E ele ficou num drama terrível.

Aluno: Sou compositor de música de concerto. No exemplo dado no início da aula, sobre os filósofos que trabalham com base na lógica científica da completa abstração (...). O senhor poderia nos fornecer um exemplo desse tipo baseado numa área artística, como música ou pintura?

Olavo: Não, na música ou na pintura é muito difícil o indivíduo se refugiar numa coisa tão fechada assim. Só se for um músico dodecafônico ou um pintor abstrato, completamente. A pintura abstrata, em grande parte, é exatamente a mesma coisa. O Mondrian, por exemplo, não estava pintando nada, somente formas que ele mesmo inventou — é um mundo de domínio de formas abstratas totalmente inventadas. Na música também é possível fazer isso. O sujeito pode fazer música como uma mera combinatória matemática, mas em geral não é isso. A música é um fluxo temporal de emoções, ela é uma pauta emocional a ser seguida, quer dizer, é uma sucessão de emoções que o ouvinte repete de acordo com o algoritmo dado pelo

músico. Então você está sempre lidando com elementos reais. Não podemos esquecer que no esquema do *Trivium* e do *Quadrivium* a música era considerada uma arte militar, uma arte do comando, porque ela impõe emoções à pessoa. Então, o perigo de cair nesse abstracionismo é só se for uma opção pessoal e consciente.

Aluno: Qual é o nome do autor que o senhor citou na última aula do COF, que formulou um argumento acerca da existência de Deus?

Olavo: Alvin Plantinga. É um filósofo altissimamente competente. Eu mesmo estudei a arte da argumentação tempo suficiente para saber que a argumentação não tem importância. O que tem importância é a expressão da realidade. Dizer o que você percebe já é uma trabalhadeira miserável. Dizer, não em termos puramente analógicos ou simbólicos como na literatura, mas chegar a expressá-la em conceitos é um trabalho pior ainda. Depois disso, você ainda terá de convencer um desgraçado que está discutindo com você? Isso é perda de tempo. Se ele quiser perceber, que perceba; se não quiser, não perceba. Por exemplo, aquele conceito do maximamente perfeito. Como é que posso discutir com um sujeito que não só não tem uma noção do maximamente perfeito, mas que não quer tê-la. Eu tentarei convencer um sujeito que realmente não quer ser convencido de nada. Isso é perda de tempo, é discussão acadêmica.

Aluno: Você poderia explicar o que é a negação abstrativa de Hegel?

Olavo: Eu me referi a isso como a capacidade humana descrita por Hegel de fazer abstração de tudo, exceto da sua própria consciência. Isto é, fazer de conta que nada existe, como o Descartes nas *Meditações de filosofia primeira*. Ele supõe uma espécie de solipsismo: “só eu existo, a única coisa de que tenho certeza é o meu próprio pensamento e o resto está tudo entre parênteses”. É também a famosa *époché*, aquele corte que diz o Husserl — colocar tudo entre parênteses exceto a própria consciência. É a isso que o Hegel está se referindo. Essa capacidade é muito importante para o ser humano, mas, ao mesmo tempo, ela é uma capacidade extremamente perigosa.

Aluno: A expressão “Deus é mais” significa o mesmo que “Allahu Akbar” semanticamente?

Olavo: Mais ou menos, porque o *Akbar* é um super superlativo, uma coisa que só existe no árabe. Não é “Deus é mais”, mas “Deus é mais do que o mais” — poderíamos traduzir assim. Agora eu pergunto: quantas das pessoas que saem gritando *Allahu Akbar* pararam para pensar e para tentar alcançar algo disso? Que é algo que não se pode alcançar.

Muitos anos atrás, eu escrevi no *Jornal da Tarde* um longo artigo — que hoje eu acho muito mal escrito — que era exatamente isto: você não pode falar do perfeito ou do supremo bem sem se contaminar daquilo. Evidentemente, se existe um supremo bem, ele o envolve, ele não é um objeto que está diante de você. Para ele ser um objeto você precisaria, de certo modo, ser superior a ele, de modo que você o abarcaria — então ele já não seria supremo nem bem. A única maneira de ter alguma noção mais concreta do que se vislumbra com o supremo bem é deixar que *ele* se infunda em você, que *ele* o melhore. É o que diz o poema do Rainer Maria Rilke, “O torso arcaico de Apolo”, maravilhosamente traduzido pelo Manuel Bandeira. O soneto tem catorze linhas, como qualquer soneto, e treze delas é simplesmente descrevendo a perfeição do torso de Apolo, e na última linha ele diz “você tem de mudar de vida”. “Du musst dein lämmer ende”. Ou seja, aquela perfeição trazia em si um imperativo; ela não era uma

coisa que podia ser simplesmente descrita. Para ser simplesmente descrita ela se tornaria um mero objeto e já não seria perfeita.

Aluno: Uma dúvida me ocorreu no transcurso da aula 78. A CIA, o Mossad, o M16 podem ser encarados como sujeitos da história?

Olavo: Até certo ponto sim, pois só podemos entender como sujeito ativo da história alguma entidade cujas ações se prolonguem para além da duração de uma vida humana. Se a coisa se extingue no curso de uma geração, não deixou um traço na história, não modificou o curso da história em absolutamente nada, então foi um personagem da história e não um agente. Um personagem da história é todo mundo que participou de alguma coisa que deixou registro, mas um agente da história é aquele que muda o curso das coisas. Eu não conheço bem o Mossad, mas me parece uma entidade bastante sólida e bastante contínua ao longo do tempo. Mas a CIA não. A CIA é um saco de gato, a CIA já se formou — naquele tempo se chamava USS — infiltrada de agentes comunistas para tudo quanto é lado. Então ela, de certo modo, servia a dois senhores ao mesmo tempo. Então a casa dividida não pode ter uma ação [1:40] contínua e coerente ao longo do tempo. Mas a KGB sem dúvidas é um agente da história. Em princípio, todos esses serviços secretos pretendem ser agentes da história, mas não é todo mundo que pode, porque para um serviço secreto se tornar realmente agente da história tem de ter, por um lado, a coerência e a unidade que tem a KGB e, por outro lado, precisa de uma atuação em todos os campos da vida social e não só naqueles campos especializados que, em um país democrático, são delimitados para a ação dos serviços secretos. A KGB, por exemplo, controlava o movimento editorial, a educação, a pesquisa científica, praticamente tudo. Então era uma força incomparavelmente mais vasta do que qualquer serviço secreto ocidental.

Aluno: Estou lendo O que é filosofia? do Ortega y Gasset. Percebi que há várias semelhanças entre que ele diz sobre a superação do idealismo e o que o senhor ensina sobre a presença do ser e o incessante retorno à experiência real como fundamento da filosofia. Então verifiquei lá no seu site que o livro foi um dos que fizeram a sua cabeça. Pois bem, percebi que não obstante a semelhança com os ensinamentos do senhor, há também insuficiências no que diz a Ortega y Gasset, que me parece levar demasiado a sério a contribuição do subjetivismo e de Descartes para a filosofia.

Olavo: Este é exatamente o problema com o Ortega y Gasset. Ele diz que toda filosofia é a busca do que ele chama *realidade radical*, que é aquela que está na raiz de todas as outras. Durante dois ou três séculos houve a discussão de se a realidade radical é o objeto ou o sujeito, predominando na tradição ocidental o sujeito, o eu pensante do Descartes. O eu pensante é o centro em Descartes, é o centro em Fichte, é o centro em Hegel, é o centro em Schelling e em muitos outros. Em Husserl ainda é o centro. Por outro lado, existem as filosofias de tipo objetivista mais materialistas, como o evolucionismo, o próprio marxismo etc. O Ortega y Gasset diz que não é nem uma coisa nem outra; a realidade radical não é nem sujeito nem objeto, mas algo que se chama *a minha vida*. Quer dizer, o sujeito e o objeto se separam, se destacam no curso da minha existência. Ele pergunta o que é a nossa vida. *Nuestra vida é lo que somos de lo que nos pasa*; é o que somos e o que nos acontece. O sujeito e o objeto são apenas coisas que nos acontecem no curso da vida. Então ele acredita que é possível criar todo um novo esquema filosófico a partir da descrição da estrutura da vida humana. Um trabalho que ele começou e que foi continuado brilhantemente pelo Julián Marias, especialmente no livro *Antropología Metafísica*. Porém, ele ainda tinha, de fato, esse ranço subjetivista — porque, afinal de contas, a minha vida coloca eu no centro, então você

está de fato reconstruindo o subjetivismo sob outro pretexto. Eu achei que quem deu a solução para isso foi o Louis Lavelle quando disse que a realidade radical é a *presença do ser*. Antes de existir minha vida, ou eu, ou qualquer coisa, existe a presença do ser. Ou como diria o Mário Ferreira: algo existe. Esta é a realidade radical, este algo dentro do qual estamos, para o qual somos e que é para nós e assim por diante. Isso não quer dizer que toda descrição da estrutura da vida humana que foi feita pelo Ortega y Gasset e Julián Marias não seja de enorme valor. Claro que é. Apenas não é a solução do problema que ela mesma propôs. Mas em filosofia sempre se ganha alguma coisa, mesmo que o sujeito erre completamente.

Aluno: Caro professor Olavo, discutindo recentemente com um tradicionalista católico, chegamos a um problema que me parece importante. Grande parte da teologia Católica parece ignorar o fato de que na Bíblia existe uma tensão entre os dois deveres do Cristão: o de desprezar as coisas deste mundo e, ao mesmo tempo, amar o mundo como a criação de Deus que é. Por tomar apenas o primeiro dever como concreto, ou seja, o de odiar o mundo, os tradicionalistas católicos e muitos ortodoxos terminam negando a própria necessidade da filosofia e das ciências humanas por essas serem conhecimentos do mundo e, portanto, inúteis.

Olavo: Eu acho que qualquer posição radical deste tipo, que nega as condições da sua própria existência, não pode ser levada a sério. É paralaxe cognitiva: “eu desprezo todos os conhecimentos mundanos”. Mas você acha que a arte de imprimir livros é teologia ou é conhecimento mundano? Você imprime o seu livro e precisa dele, pois para se ensinar qualquer coisa você precisará de instrumentos. Então o sujeito está negando a possibilidade de fazer o que ele está fazendo. Portanto, não é preciso levá-lo a sério.

Outra coisa: quando se fala no desprezo do mundo, existem vários tratados sobre o assunto. O mundo é o zunzum da sociedade. O mundo não é o universo físico. O universo físico é criação divina, mas o mundo é a criação humana inspirada pelo Satanás propriamente dito. É o mundo da sedução social, da fofoca, da intriga, da luta pelo poder e assim por diante. Também é o mundo do aplauso e da repulsa, do aplauso e da vaia. É isto tudo que temos de odiar e de voltar as costas. Nem é odiar, é desprezar. Pois se você odeia está dependente — quem odeia está dependente do objeto de ódio. Já desprezar quer dizer não dar valor. Não quer dizer que você vai odiar este mundo, mas se você vai desprezar toda a criação divina, que raio de cristão você é? Você vai desprezar as galáxias, dizer que tudo isso é uma mera porcaria e que você pode fazer melhor? Ora, isso é coisa de maluco. Quando falam “o mundo”, não sabem do que estão falando, não entenderam o conceito do mundo. Os três inimigos da alma são o mundo, o diabo e a carne. A carne, meu filho, não é esta que você compra no açougue! A carne é o K do Szondi, é o fechamento do ego em si mesmo. É esse mundo que é um dos inimigos da alma, que deve ser desprezado — o que não é incompatível com amar o mundo como o próprio Deus amou. Deus amou de tal maneira o mundo que nos enviou o seu filho unigênito para ser sacrificado por nós, de modo que quem nele cresse não morresse. Então o que há de errado em amar algo que o próprio Deus amou?

O mundo não é o universo, mas é a sociedade humana nos seus aspectos mais terríveis — porque você também não pode desprezar a existência da sociedade humana. Isso é errado, pois nós precisamos da sociedade humana para existir. Eu não posso negar as condições que possibilitam a minha própria existência. O mundo é no sentido da palavra mundano. É aquilo que estávamos falando agora mesmo sobre a lavagem da burra.

Aluno: Primeiramente gostaria de passar o link de dois vídeos nos quais o professor Alexandre Celso denuncia um plebiscito constituinte programado pela esquerda para setembro, já com cartilha e site oficial.

Eu escrevi um artigo para o Diário do Comércio exatamente sobre isso. Não especificamente sobre a constituinte ou sobre esse decreto da Dilma, mas sobre essa fase, essa mutação que está havendo na estratégia socialista. Eu posso até lê-lo daqui a pouco.

Aluno: Um dos assuntos discorridos pelo senhor na aula 20 do COF foi o problema da razão refletida versus a razão espontânea. Sobre isso eu pergunto: a razão espontânea erra ou se engana de alguma forma?

Olavo: É uma tradição filosófica fazer a análise crítica do conhecimento espontâneo. Mas Aristóteles sempre avisou que a análise crítica não é destruição e não é negação. Analisar alguma coisa não é destruí-la; ao contrário, é apenas torná-la mais consciente, [1:50] por assim dizer. Porém, o desprezo filosófico pelo conhecimento vulgar, que eles chamam de conhecimento espontâneo ou conhecimento pré-filosófico, é realmente serrar o galho em que você sentou. Na verdade, não é que se trata de você desprezá-lo, se trata de aperfeiçoá-lo. E aperfeiçoá-lo não é só pela análise filosófica, mas por uma série de práticas que foram se tornando mais claras no decorrer da história filosófica e que eu tentei expor sob o nome de *contemplação amorosa*. Esta semana mesmo eu coloquei no Facebook uma espécie de apelo: se você não deseja intensamente que o objeto que você pensa lhe fale, em vez de se submeter a seus pensamentos, ele nunca lhe dirá nada. Quer dizer, você precisa ter um amor à existência do objeto como uma coisa que independe de você e que é algo, e que tem em si a sua consistência e a sua substância. Você precisa permitir que essa substância lhe fale, que ela se mostre de algum modo, no sentido um pouco do Husserl, mas não necessariamente na acepção estritamente técnica que ele dá a essa idéia da descrição fenomenológica. Eu me refiro a uma espécie de amor pela existência do objeto. Se você não tem isso, então você vai sobrepor os seus pensamentos. Se fizer uma análise destrutiva e corrosiva do conhecimento vulgar, você estará simplesmente se enganando, estará caindo lá no fator K do Szondi, estará fechando no ego.

Aluno: Não podemos encontrar nos Evangelhos um exemplo de sobreposição, por assim dizer, da razão refletida sobre a razão espontânea nos fariseus e doutores da lei que mesmo tendo diante de si o Verbo Divino continuavam negando?

Olavo: Perfeitamente! A Bíblia já nos explicou que não é para fazer isso. Primeiro você tem de saber o que está na sua frente. Você não pode sobrepor os seus pensamentos à realidade dos fatos. Já dizia Santo Tomás de Aquino: contra fatos não há argumento. Você precisa ter amor ao mundo dos fatos e saber que ele tem em si mesmo a sua própria consistência, o seu próprio sentido, e que você humildemente tem de [se deixar percebê-lo]. É como também na arte da escrita. Estou colocando amostras de coisas excepcionalmente bem escritas — Camilo Castelo Branco, Euclides da Cunha, Ortega y Gasset — e expliquei que a boa escrita é uma questão de percepção e memória, e depois encontrar os nomes certos daquilo que foi percebido. O que é encontrar o nome certo? É deixar que a coisa fale, não é impor um nome sobre ela. É deixar que ela, de certo modo, diga o seu nome, e se ela não tem um nome então você tem de inventar um que seja fiel ao que a coisa lhe mostrou. É uma abertura para o mundo, aquilo que falava Henri Bergson sobre a alma fechada e a alma aberta. A alma fechada vive no mundo dos seus

próprios pensamentos e se impõe ao mundo, ela vem com um impulso normativo e sempre autoritário, evidentemente.

Não responderei mais a essas perguntas, mas a outra: todos têm me perguntado sobre a constituinte e sobre o decreto da Dilma etc. Então escrevi essas notas para o Diário do Comércio. Não sei quando sairão, mas é bom que vocês saibam antes. O artigo chama-se “Sonho mau”.

Muitas previsões, dizia Thomas Mann, são enunciadas não porque vão se realizar, mas na esperança de que não se realizem. Todas as que fiz, especialmente as mais alarmantes, foram assim. Com uma diferença: as previsões sempre se realizaram, a esperança nunca.

Nos assuntos humanos, a certeza absoluta é geralmente uma utopia. O máximo que se alcança é uma probabilidade razoável. E o culto devoto que o homem contemporâneo consagra aos números não o levará mais longe: uma probabilidade, calculada até os centésimos de milionésimos, continuará sempre sendo o que é — uma probabilidade, não uma certeza.

No entanto, continua válido o preceito de que a exatidão de uma ciência se mede pela sua capacidade de fazer previsões corretas. Nas ciências humanas, e especialmente na ciência política, a previsão deve sempre assinalar as variáveis que podem modificá-la no curso do processo. Muitas dessas variáveis dependem da criatividade, da iniciativa e da coragem dos personagens envolvidos. Se as previsões mais deprimentes se realizam com exatidão quase matemática, isto se deve mais à ausência desses três fatores do que aos méritos científicos de quem as enuncia.

Numa apostila já velha, que nunca tive a ocasião de corrigir para publicação, expliquei que a liberdade é uma propriedade vital da psique humana, mas que esta não a possui como um dom perfeito e acabado, e sim apenas como uma possibilidade que de certo modo se cria e se amplia a si mesma na medida em que se assume e se exerce. Por isso é que a famosa controvérsia de determinismo e livre arbítrio não tem solução geral teórica: esses dois fatores não pesam uniformemente em todas as vidas, mas se distribuem de maneira desigual conforme um jogo dialético muito sutil que varia de indivíduo para indivíduo, de situação para situação, de caso para caso. Não há como provar a liberdade senão exercendo-a, mas colocá-la em dúvida é já abster-se de exercê-la, provando portanto sua inexistência mediante uma profecia auto-realizável.

Não é preciso dizer que a própria existência da liberdade também é uma profecia auto-realizável. Se você a assume, ela existe; se você não a assume, ela cessa de existir.

Inversa e complementarmente, a própria psique se torna rala e evanescente quando, por abdicação voluntária ou sob a pressão de condições adversas, a liberdade cede o passo à intervenção de fatores “externos”: a pura fisiologia, os hábitos inconscientes, o jogo das influências ambientais, o acaso, etc. Numa situação extrema, já não há mais atividade psíquica livre: a psique torna-se o reflexo passivo e mecânico de tudo quanto lhe é estranho.

Essa distinção aplica-se aos indivíduos como às sociedades. Em qualquer grupo social pode-se avaliar sem muita dificuldade se ali predominam a percepção alerta, a presteza e criatividade das reações, ou o apego indolente a chavões e frases feitas que se repetem como mantras enquanto a realidade vai correndo, mudando e passando como um trator sobre a multidão de sonsos.

Depreciando instintivamente as mudanças e diferenças, a mente letárgica apega-se à “heurística disponível”, que o manual de psicologia forense de Curtis R. Bartol, muito usado nos

EUA, define como um atalho mental construído com os fatos mais vulgares e acessíveis — em geral os fatos repetidos pela mídia —, simulando uma explicação.

É assim que os riscos e ameaças mais graves e iminentes passam despercebidos sob uma afetação de segurança tranquilizante. E foi assim que os planos do PT para a implantação do comunismo no Brasil, registrados nas atas de assembleias do partido, repetidos nas do Foro de São Paulo e insistentemente explicados nos meus artigos e conferências, foram solenemente ignorados como se fossem meras tiradas verbais sem a menor consequência, até que agora podem ser postos em prática diante dos olhos de todos, com a certeza de que a o povo e as elites, degradados e estiolados por décadas de indolência mental e repetitividade mecânica, nem saberão como reagir.

Não é preciso dizer que, deteriorada num grupo humano a capacidade de percepção rápida e reação criativa, o curso das coisas vai se tornando cada vez mais previsível graças ao império geral da passividade mecânica. O que era apenas uma probabilidade, manejável pela livre vontade humana, torna-se o cálculo matemático de uma fatalidade.

Lembro por exemplo que, anos atrás, diante de uma das eleições, diziam que o PT não ganharia e eu respondi que o PT não só ganharia como era impossível que não ganhasse. Ou seja, a manejabilidade da situação já havia acabado, a mecanicidade das consequências já tinha crescido de tal modo que não dava mais para parar. E agora parece que temos a mesma coisa de novo.

Pela milésima vez: quando um homem normal diz “sociedade civil”, ele designa com isso a totalidade das pessoas dotadas de direitos civis e políticos. Quando um comunista usa o mesmo termo, ele sabe que os profanos o ouvirão exatamente assim, mas que os iniciados saberão perfeitamente que se trata apenas de um reduzido círculo de organizações e movimentos criados pelo Partido para fazer a parte suja do serviço sem comprometê-lo diretamente.

É isso que é sociedade civil. Todas essas organizações e movimentos que estão por aí foram criados pelo próprio Partido: ou pelo PT ou por outro partido de esquerda. Ou, às vezes, diretamente por uma coisa como a KGB.

Na estratégia comunista, trocar a representação eleitoral pelo governo direto dessas organizações e movimentos é, desde há mais de um século, a virada decisiva, o “salto qualitativo” que, após uma longa acumulação de subversões e corrosões, marca a passagem de qualquer regime para uma ditadura socialista.

Para quem quer que conheça a história do comunismo, isso é uma obviedade patente, mas quem está acostumado a pensar segundo a [2:00] “heurística disponível” da mídia usual, quem se recusou por mais de vinte anos a enxergar o que se preparava, talvez não venha a enxergá-lo nem mesmo depois de realizado. Muitos irão para o Gulag ou para o “paredón” jurando que é apenas um sonho mau.

Quer dizer, o sujeito não acredita no que está acontecendo porque o que está acontecendo contraria a heurística disponível. Esse conceito de heurística disponível é muitíssimo importante para isso. Aqui nos EUA todo mundo que estuda psicologia forense estuda esse assunto. Acho que no Brasil essa expressão nem nunca apareceu. Heurística disponível é o conjunto dos fatos que são consensualmente reconhecidos por toda mídia, que se fala todo dia. O que está fora disso não faz parte da heurística disponível porque só as pessoas muito interessadas é que foram pesquisar aquilo. Para essas pessoas esses fatos existem, para os outros não existem. Então geralmente as pessoas raciocinam sempre com base na heurística

disponível, isto é, em duas ou três expressões que se consolidaram pela repetição da mídia e que para o indivíduo constituem a estrutura real do mundo.

Até a semana que vem e muito obrigado.

Transcrição: Mariana Belmonte

Revisão: Henrique Bernardes